
Aproximações da linguagem do corpo pela semiótica da cultura¹

Nísia Martins do Rosário²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo realizar uma abordagem das corporalidades a partir da sistematização e reflexão sobre contribuições oriundas da semiótica da cultura. Para tanto, se propõe a realizar aproximações conceituais pelo âmbito da metalinguagem própria dessa vertente de estudos considerando, entre outros, linguagem, sistemas modelizantes, códigos, feixes de traços distintivos. Nessa perspectiva, entende-se poder contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre a linguagem do corpo na comunicação e na cultura.

Palavras-chave: Semiótica da cultura; linguagem do corpo; metalinguagem.

Panorama inicial

Esse artigo parte de um desejo – que na verdade tornou-se uma necessidade – de produzir um texto que concentre e sistematize contribuições que a semiótica da cultura (SC) tem dado, ao longo da última década, às pesquisas que desenvolvo na esfera das corporalidades. Entende-se que essa reflexão também auxilia na avaliação do papel e da relevância da SC para as temáticas estudadas que, em sua maioria, têm se concentrado em aspectos de rupturas de sentidos, explosões semióticas, semioses periféricas e marginais. Assim, foi compulsório adentrar em diversas concepções teóricas que tiveram o encargo de fundamentar os percursos das investigações, entretanto esses acercamentos foram muitas vezes pontuais, voltados para aspectos específicos do que estava sendo estudado no momento, e elaborados em diferentes tempos com diversos objetos empíricos.

É a partir desse cenário que se entende relevante construir um percurso de reflexão que sistematize articulações entre corporalidades e semiótica da cultura. Para isso, esta abordagem está organizada em três partes e infelizmente, devido à restrição do número de páginas, não será possível trazer à discussão todos os conceitos e perspectivas que se

¹ Trabalho submetido ao GP Semiótica da Comunicação do 42º. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Evento Componente do 42º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Belém (PA).

² Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, pesquisadora PQ2 CNPq. E-mail: nisiamartins@gmail.com. Apoio CNPq e CAPES.

gostaria. A seção que segue, trata da linguagem como elemento fundante dos estudos das corporalidades fazendo articulações com sistemas modelizantes, estruturalidades, códigos. O desdobramento desse assunto se dá na segunda seção que faz um mergulho na linguagem do corpo propriamente e na noção de feixes de traços distintivos para trazer à tona especificidades das estruturalidades e funcionamentos da linguagem do corpo. Por fim, busca-se um fechamento – não definitivo - para essa reflexão ponderando sobre aspectos mais relevantes.

O macro sistema da linguagem

A linguagem é um dos conceitos de base que tem contribuído com os estudos das corporalidades até aqui desenvolvidos. Essa noção se torna importante na medida em que a pesquisa das corporalidades se realiza no campo da comunicação e está estreitamente ligada aos processos de significação, aos sistemas semióticos e as rupturas de sentidos. Para Lotman e Uspenskii (In LOTMAN; USPENKII; IVANOV, 1981, p.35 e 60) a linguagem é entendida como “todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” e se, por um lado, ela cumpre uma função comunicativa, por outro, no sistema da cultura, lhe é destinado o papel de “proporcionar ao grupo social uma hipótese de comunicabilidade”. Nessa via, os autores compreendem a cultura como sistema de linguagens³ que se atualiza no texto.

Os autores entendem esse conceito como um fenômeno em si mesmo que, no entanto, está agregado a outro sistema, o da cultura e ambos constituem uma integralidade complexa que contempla sistemas modelizantes, códigos, processos de tradução, entre outros. O texto tem papel importante nesse complexo e, em grande parte das vezes, captura suas referências na tradição⁴, a qual é acolhida no domínio da linguagem e assim é capaz de engendrar modelos habilitados a intensificar o processo de significação a partir de determinados paradigmas ativos.

No que se refere aos sistemas semióticos próprios da cultura, considerados de segundo grau, a especificidade está justamente na incompletude do seu ordenamento, o que

³ No presente artigo o termo linguagem (no singular) é utilizado como o conceito macro, enquanto linguagens (no plural) é usado para tratar de sistemas semióticos específicos que se configuram a partir do conceito macro, como por exemplo a linguagem do corpo, a linguagem da mídia.

⁴ A preocupação com a tradução da tradição está já na *Teses para uma análise da Semiótica da Cultura* elaborado por membros da ETM. Machado (2003, p. 29) sistematiza a ideia de tradução da tradição entendendo-a como um mecanismo que está nos fundamentos da abordagem semiótica e que serve como base de contraposição ao experimental e à criação do novo.

garante uma performance específica e um dinamismo que não está presente nas línguas naturais.

É importante realçar o fato de que cultura e linguagem se constituem a partir da tensão recíproca entre o modo estático – que tende à estabilidade e a constância – e o modo dinâmico, o qual de acordo com Machado (2013, p.85) é gerado na relação entre diferentes níveis construtivos e se sustenta “da luta e do conflito entre tais níveis – que podem ser assim denominados índices energéticos sem os quais não emerge a função estética”. Dessa forma, por um lado, a linguagem procura nexos por meio de normas e assim tende à estabilidade, ao ajuste, à convenção, bem como à previsibilidade e à regularidade. Por outro lado, tende a auto renovação por mutações e imprevisibilidades, com desvios parciais ou completos da norma e a necessidade de traduções complexas.

A linguagem é entendida aqui, portanto, como um domínio amplo e complexo capaz de organizar modos de comunicação a partir de sistemas semiótico específicos e em relação, ela abriga conceitos importantes para colocar em processo a significação e a comunicação, permitindo seu estudo mais aprofundado. Seu funcionamento conta com a produção e articulação de um conjunto de regras definidoras de combinações cuja ordenação possui hierarquia própria e seu caráter multifacetado entra em estreita relação com a cultura, a qual também propicia modos de ordenar as informações presentes no mundo conferindo-lhes estruturalidades.

Se a linguagem articula comunicação, vincula também um sistema de modelização, de modo que essas duas funções se encontram diretamente relacionadas. A SC define dois tipos de sistemas modelizantes que são definidos por Irene Machado (2003, p. 167) como “sistemas constituídos por elemento e por regras combinatórias no sentido de criar estruturalidades”. O sistema modelizante de primeiro grau é aquele constituído pela língua natural; os de segundo grau são os sistemas semióticos da cultura e, portanto, não linguísticos, mas que mantêm correlações com a língua. Nesse artigo nos ateremos aos sistemas modelizantes secundários. Eles se constituem a partir de variadas combinações de signos, formando, assim, diferentes modelos culturais – como é o caso da arte, da religião, da literatura, do mito, da mídia, entre outros.

De acordo com Machado (2003, p. 50) a atenção aos sistemas modelizantes provém do interesse em examinar as linguagens “no sentido de valorizar o potencial comunicativo de suas práticas, manifestações ou fenômenos”. Eles, portanto, assumem um papel organizativo que permite comunicação e construção de textos inteligíveis, mas

paralelamente desempenham também a função de controle pela limitação de possibilidades de composições textuais e pela prescrição de regularidades. O processo modelizante da semiótica foi assumindo importância na SC pela possibilidade que oferece de compreensão dos transcurso dos textos da cultura a partir do ato de modelizar, ou seja, de estudar os modos organizativos das linguagens (culturais) que não operam sobre a rigidez de uma gramática, tampouco contam com uma decodificação precisa. Machado (2003, p.163) observa que modelizar “traduz, portanto, um esforço de compreensão da signicidade de objetos culturais. Modelizar é semiotizar”.

Na esfera dos sistemas modelizantes se produzem modelos que vão sendo incorporados às formações textuais e vão compondo o arcabouço desses sistemas reverberando em codificações. A cultura contribui com os ‘dispositivos estereotipizados’⁵ permitindo a percepção de determinadas estruturalidades que habitam o seu centro. A partir dos modelos que vão se arranjando no centro da cultura, os textos tendem a se configurar por padrões de continuidades, previsibilidades e regularidades, uma vez que esses são os percursos de composição mais usuais e dominantes, garantindo a troca de informação, as semioses, mas também o controle do funcionamento do sistema. Por outro lado, na periferia se constituem outras estruturalidades, desta vez com formações não evidentes e não determinadas. O recurso ao imprevisível, portanto, não pode ser desconsiderado, uma vez que tem o papel importante de tensionar códigos e provocar os sistemas modelizantes à reorganização.

São os textos culturais que têm a incumbência de colocar em disputa os significados, de tensionar⁶ as semioses por meio das irregularidades e das imprevisibilidades. A comunicação, então, vai construindo seus movimentos em duas direções pelo menos: da previsibilidade e da imprevisibilidade (Lotman, 1999). Ambas se estimulam reciprocamente, relacionam-se de forma dinâmica por sucessão e por simultaneidade de

⁵ Esse termo está em artigo desenvolvido por Lotman e Uspenskii, intitulado Sobre o mecanismo semiótica da Cultura, escrito em 1971 e publicado na obra Ensaio de semiótica soviética e na revista Entretextos.

⁶ A perspectiva de disputa de forças parece ser um dos aspectos mais interessante que perpassa a configuração da ETM e se apresenta mais detidamente no conceito de tensão que é referido por Lotman (1999) em *Cultura y explosión*. A tensão se configura como resistências de forças recíprocas entre campos em disputa no espaço semiótico e no processo de comunicação. Essa é uma peculiaridade relevante trazida pela SC e tem potencial de criação e disputa em relação às escolhas recorrentes e viciados no ordinário. A tensão mostra-se relevante justamente porque ativa o dispositivo pensante do texto tanto no âmbito da produção quanto no da tradução interpelando os processos semióticos e, desta maneira, segundo Lotman (1990, p.15, tradução nossa) o significado “não é apenas um remanescente invariante que é preservado sob todos os tipos de operações transformacionais, mas também é o que é alterado, podemos afirmar que há um acréscimo de significado no processo de tais transformações”. Assim, as binariedades trazidas pela SC – sistêmico/extrasistêmico, próprio/alheio, cultura/não cultura etc – se configuram não como oposição, mas como disputa e interrelação.

vários estados. Seu funcionamento recíproco, mas igualmente consolidado na oposição, provoca a estabilização e a desestabilização (lutas de forças). Essa última é definida como uma linha de desenvolvimento que salta para uma nova: imprevisível e mais complexa. É o caminho da criatividade, do tensionamento e da explosão⁷.

Como sistema de regras organizado culturalmente, os códigos têm papel importante de atribuir significados, encontrando espaço no domínio da linguagem e organizando significados no processo de comunicação. Esse sistema de regras, todavia, não é unívoco, nem sempre rígido e fechado; o código organiza-se e renova-se a partir de contribuições de fenômenos culturais.

Uspenskii⁸ (In LOTMAN, USPENSKII, IVANOV, 1981, p.87) defende que o código “unifica o *socius* ao criar entre seus membros as condições duma comunicação (...). Por outro lado, organiza a própria informação, determinando uma seleção de factos significativos assim como o estabelecimento de um nexos preciso entre eles”. É importante considerar, nessa via, que mesmos fatos podem ter codificações diferentes a depender do tempo, do espaço, do contexto e isso é claramente perceptível na linguagem corporal se considerarmos, por exemplo, a diacronia do código de beleza feminina ao longo do século XX.⁹

Machado (2003, p. 155 e 156) define código e código cultural, sendo o primeiro uma “organização de caráter genérico a partir da qual é possível a construção dos sistemas e consequentemente das linguagens”¹⁰. Para códigos culturais a autora atribui a condição de “estruturas de grande complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações com um duplo objetivo: regular e controlar a vida do *bio*, do *socius*, do *semion*”. Contudo, é necessário também atentar para o seu aspecto dinâmico, de constante transformação que se manifesta nas culturalizações.

⁷ Para Irene Machado (2003) a explosão não é um fenômeno físico, mas momentos de grandes imprevisibilidades que levam ao florescimento de novas configurações de cenários das representações culturais. Para Lotman (1999), explosão carrega a noção de transgressão possível, de comportamento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a previsibilidade, irrompe na criação de algo que não estava determinado. O autor observa ainda que a explosão é quase atemporal (justamente porque não está ligada à cronologia, mas não porque desconsidera a temporalidade). Assim, a explosão pode acontecer em diferentes ritmos de tempo.

⁸ Nessa obra o sobrenome Uspenskii está registrado com dois ‘i’.

⁹ A predominância do corpo caucasiano esteve bem presente em todo esse período, no entanto as formas físicas foram se recodificando pela diminuição do peso corporal em relação ao aumento da altura. Marilyn Monroe, considerada ícone de beleza nos anos 50 tinha 1,65m de altura e 54 kg, 91 cm de busto, 60cm de cintura, 86cm de quadril. Gisele Bündchen, supermodelo do final do século tem 1,80m, pesa 53 kg, tem 66 cm de cintura, 92 de quadril, 87 de busto. As formas físicas no mundo ocidental assumem papel de dispositivo estereotipado, produzindo modelos de corpo que correspondem ao padrão de beleza.

¹⁰ A autora atribui a Jakobson o conceito de código usado pela SC que é central no processo semiótico e está vinculado ao legi-signo não podendo ser entendido apenas como norma, mas também como convenção, probabilidade, explicitação e modelização, assumindo, assim, um caráter normativo e correlacional.

Na relação entre linguagem e sistemas modelizantes a relevância aparece no estudo dos códigos culturais, portanto, na modelização. Machado (2003, p. 146) diz que o “fim último da modelização é alcançar um conhecimento sobre o mundo por meio de seus códigos”.

A linguagem do corpo

Um dos objetivos desse artigo é sistematizar questões relativas à linguagem do corpo buscando uma abstração que dê contornos mais precisos a sua composição, aos processos estático-dinâmicos, ao seu funcionamento. Não se pode esquecer, porém, que os textos corporais que têm sido estudados se constituem a partir da interrelação de diversos sistemas semióticos e isso implica considerar tal complexidade nas investigações. Para esse artigo, contudo, o recorte mais preciso será sobre a constituição da linguagem do corpo tendo em vista sua própria complexidade.

Assim, para a linguagem do corpo tem-se por princípio que o seu sentido decodificável surge da associação de signos que vão compor um texto corporal com base na organização do domínio específico das corporalidades¹¹, no qual se configuram determinadas normas, padrões, saberes, interesses e afetos de acordo com as disputas e lutas de força que se estabelecem nessa semiosfera. É relevante observar que o sistema modelizante das corporalidades, na cultura ocidental, é bastante rígido em relação a composições textuais estéticas, morais, comportamentais – rastro de mecanismos de controle social. Obviamente, apoiados pela impossibilidade de completude organizativa dos sistemas modelizantes secundários, proliferam os textos corporais que rompem com os padrões impostos e isso pode ser observado tanto na arte como na cultura popular periférica que se apropria das ‘regras’ recriando os seus sentidos. Enquanto a linguagem verbal segue normas e combinações quase exatas de letras e palavras para chegar ao sentido, a linguagem corporal não verbal tem a possibilidade de comunicar articulando combinações diversas – mas que sempre seguem algum padrão de significação.

Ao serem mobilizados os códigos culturais que constituem as corporalidades, o sujeito se depara com alguns quase universais e com outros privativos de culturas ou de

¹¹ De forma direta e simplificada assumimos o entendimento de que corporalidades referem-se a um domínio teórico-metodológico que estuda os elementos comunicacionais da ordem do corpo que manifestam-se em sistemas semióticos diversos que se organizam de acordo com contextos culturais. Do ponto de vista da comunicação, as corporalidades se realizam na dimensão das linguagens, uma vez que elas são capazes de afetar e serem afetadas pelo ‘corpo- sujeito’ e pela cultura.

grupos de indivíduos. O usuário da linguagem precisa dominar esses diferentes códigos e as regularidades dos textos para produzir e perceber os sentidos e, obviamente, nem todos os sujeitos os dominam de forma igual e nem todas as culturas os codificam de forma unânime.

Na investigação sobre as corporalidades buscamos traços (estruturalidades) distintivos (LOTMAN, 1999) que, ao se articularem, operam como indicadores de sentidos auxiliando a entender o processo de engendramento da linguagem na correlação com outros traços e que conformam as materialidades observáveis, os textos. Assim, considerando os processos de modelizar pode-se afirmar a existência de elementos básicos da expressão do corpo que são comuns a determinados grupos sociais. São os traços distintivos que vão fornecer os elementos para a articulação e significação da comunicação corporal e o rompimento dos seus códigos materializados em textos semióticos.

A noção de traço assume importância na SC como alternativa à noção de totalidade, que não dava conta de explicar diferentes sistemas de signos e seus funcionamentos em um sistema apenas. Machado (2013, p.27) explica que: “Contra a noção de totalidade, os semioticistas propuseram a noção de traço (...) o que está ao alcance da abordagem semiótica são os traços que constituem diferentes sistemas de signos”. Segundo a autora, a noção de traço tem inspiração no conceito de fonema de Jakobson, porém não é entendido como unidade, mas como “feixes de traços distintivos, cuja ação produz os signos da língua”. Essa perspectiva da SC é instigante para pensar os feixes de traços distintivos (FTD) nas corporalidades como combinatórias em relação articulando a possibilidade de criar nexos no processo de comunicação.

Entendeu-se ser pertinente, inicialmente, agrupar os principais traços distintivos que fomentam a expressão do corpo em conjuntos com potencialidades significantes, sistematizando-os de tal maneira que se organizem a partir de características e funções comuns. Por outras palavras, a conformação de feixes de traços distintivos da linguagem do corpo apresentada aqui busca refletir sobre as especificidades e as estruturalidades desse complexo domínio, bem como organizar indicadores de sentidos que auxiliem a entender o processo de engendramento da significação.

a) Traços étnicos

As marcas relativas à etnia constroem sentidos sobre o ser humano mesmo antes de ele emitir um som ou levantar a sobrancelha para um cumprimento. A manifestação

desses traços não pode ser evitada, do mesmo modo que sua significação e, assim, sua comunicação vai acontecer independentemente da vontade dos sujeitos que as manifestam.

Nas regulações do sistema modelizantes sobre a etnia, é relevante, por exemplo, como o movimento de mulheres negras que assumem os traços originais de seus cabelos tem sido capaz de tensionar a estética feminina e fazer os códigos de beleza se deslocarem acolhendo o cabelo afro, mas sobretudo, auxiliando a tensionar o lugar da negritude na periferia da semiosfera. Claro que se observa resistências a esses tensionamentos, o que expressa o percurso das disputas de sentido que se dão nessa semiosfera.

Constituem o feixe de traços distintivos das características étnicas, principalmente: a cor da pele, a cor e textura do cabelo, o formato dos olhos, dos lábios e do nariz. Essas características vão determinar a inserção do sujeito em um grupo, impondo-lhe determinados sentidos culturais

b) Traços de gênero

O gênero ocupa uma dimensão importante na significação do ser no mundo (tanto quanto os traços étnicos), basta ver que uma das primeiras curiosidades/problematizações a ser resolvida na gestação é a descoberta do sexo do bebê. Os sistemas modelizantes têm operado com rigor nesse âmbito produzindo e legitimando a estereotipização do sistema binário masculino/feminino. Dessa forma, os traços de gênero contribuem para a definição de identidades sociais dos indivíduos a partir do pertencimento e da diferenciação das feminilidades e masculinidades. No processo de significação esses traços incluem sexo biológico, identidade de gênero e preferências sexuais e são codificados pelo volume dos seios/amplitude do tórax, tamanho do quadril, formato do rosto, corte de cabelo, forma da cintura, entre outros.

Recentemente o sistema semiótico de gênero tem sido tensionado socialmente pelas manifestações e ações LGBTQ+ e pelos estudos acadêmicos provocando fortes rupturas de sentido que entram em disputas com codificações fincadas na tradição. É possível verificar, portanto, nesse sistema os processos de tensão que abordamos na nota de rodapé número 6.

c) Traços físicos individuais

Os traços físicos individuais estão fortemente associados à estética e à saúde na cultura ocidental, e são determinantes de status social, de pertencimento a determinados grupos e até de aceitação. É pela conquista de um ‘corpo perfeito’ que muitos se

empenham em ter sucesso em academias, salões de beleza, clínicas estéticas, consultórios médicos. Esses traços-padrão constituem-se a partir de valores estabelecidos por uma sociedade que, por um lado, busca a beleza, a saúde, o comedimento do peso e, por outro, oferece orgias alimentares nos restaurantes e nos *fast foods*. Nessa modelização não há muito espaço para estaturas baixas, narizes achatados, cabelos pixaim, barrigas proeminentes, quadris avantajados, celulite, flacidez, entre outros.

Os recursos expressivos desses traços podem se dar em, no mínimo, dois âmbitos: as linhas e formas do rosto – considerando, por exemplo, o desenho da sobrancelha, o tamanho e forma dos olhos, do nariz, dos lábios, o tamanho e ângulo do rosto, entre outros – ; as linhas e formas do tórax, do peito, dos quadris, das pernas, dos braços e mesmo das mãos – tendo em vista volumes, distribuição de massa, tonicidade, comprimento e harmonia dos membros. A partir da percepção desses traços e de sua combinação, é possível encontrar seus efeitos de sentidos refletidos em: idade, beleza, altura, entre outros.

c) Gestos

Todo o gesto implica em movimento, é uma ação e pode variar de acordo com a velocidade, a força empregada e a amplitude, segundo Morris (1985). Mas, para Birdwhistell (*apud* Morris), é a intensidade que vai ajudar a diminuir a ambiguidade da mensagem gestual. O gesto, em geral, se compõe na complementaridade com a postura, mas se atualiza principalmente no deslocamento das mãos, braços e pernas. Dessa forma, modelizá-lo implica considerar um conjunto de posições dos membros do corpo na sua relação com o movimento provocado por eles. Nesse âmbito é preciso considerar que um mesmo gesto pode conter mais de um sentido e, por outro lado, vários gestos podem ter apenas um significado¹². Sua inserção em um contexto é que vai determinar a diferenciação e a sua conseqüente significação.

Esses traços distintivos utilizam-se muito da cinésica que tem como principal alvo o gesto convencional dotado de valor significativo. Guiraud (2001, p.59) define a cinésica como “o estudo dos gestos e mímicas utilizados como signos de comunicação, quer por si sós, quer como acompanhamento da linguagem articulada”. Tais traços terão fluxo

¹² O dedo polegar e o indicador unidos pelas pontas, formando um círculo e os demais dedos erguidos na vertical, indicam “ok” para os americanos e ingleses, dinheiro para os japoneses, e sem valor ou zero para os franceses quando esse gesto vem acompanhado de uma expressão facial séria ou meio triste. No Brasil, o mesmo gesto colocando os dedos na horizontal representa um palavrão.

cinésico quando passam a apresentar características de ordem, regularidade e previsibilidade.

d) Posturas

A decodificação da postura é muito associada a traços de personalidade e a estados emocionais¹³, entretanto, apresenta uma vasta gama de sentidos que extrapolam esses significados mais usuais. Articula-se numa combinação complexa dos diversos membros do corpo – cabeça, pescoço, ombro, abdômen, braços e pernas. Vale lembrar que o corpo humano tem a capacidade de assumir cerca de mil posturas diferentes, todas elas em posições imóveis. Apesar de serem relativamente fáceis de identificar, entender seus efeitos de sentido exige que se observe a totalidade dos membros em sua inter-relação.

No desdobramento desses sentidos pode-se citar a tipificação de Morris (1985) de postura congruente, em que as pessoas articulam seus corpos de forma a que uma posição se constitua como eco da outra. As expressões de afetividade, de apoio, de solidariedade, muitas vezes, se dão a partir do que o autor chama de *tie-signs*, a postura e o gesto que vinculam duas pessoas pelo corpo – por exemplo, o abraço, os braços dados, as mãos dadas, o beijo. Por outro lado, alguns comportamentos que envolvem posturas e gestos se articulam como um sinal de barreira que busca defender o corpo-sujeito de ações ou situações sociais. Estão aí classificados os braços cruzados, as costas colocadas em direção ao outro, as pernas cruzadas, bem como objetos colocados entre os interlocutores.

e) Expressões faciais

A expressão facial apresenta uma complexa rede de significações, fruto da inter-relação de olhos, sobrancelhas, músculos da testa, nariz, lábios, queixo. A combinação de todas essas partes do rosto, com suas diversas nuances, resulta numa vasta gama de recursos expressivos da face. Segundo Flora Davis (1979) o rosto é capaz de transmitir mais de mil expressões e adquire ainda mais significado porque é, praticamente, a única parte do corpo humano ocidental que está constantemente desnuda.¹⁴

¹³ Há um forte consenso no que diz respeito aos efeitos de sentidos articulados por determinados recursos expressivos, como, por exemplo: costas arqueadas, ombros caídos e cabeça baixa indicam pessoas depressivas; peito para frente, ombros para trás e cabeça erguida indicam pessoa corajosa e arrojada. Esses códigos parecem já estar estabelecidos na maioria dos grupos sociais do ocidente, porém, é preciso examinar a postura com mais atenção.

¹⁴ Desmond Morris (1977) afirma que o olhar dirigido ao rosto humano não se fixa em apenas um ponto, mas em vários, detendo-se, principalmente, nos olhos e na boca. Aumont (2000) classifica essa ação como ‘busca visual’, que consiste em realizar, pela fixação ocular sucessiva, a exploração das imagens que estejam mais providas de informação. Olhos e boca são, pois, os dois elementos mais expressivos da face.

Pode-se considerar uma série de formas de olhar que se engendram a partir da conformação adotada pela posição dos músculos dos olhos, pelo tamanho da pupila, pela intensidade (tempo), pela direção e pela distância. Por outro lado, pode-se considerar uma gama bastante variada de posições assumidas pelos músculos labiais, que vão desde o fechamento total da boca, passando pela sua abertura parcial até chegar à abertura completa. Todas essas articulações oferecem uma diversidade de efeitos de sentido que podem variar do choro até o riso¹⁵.

f) Espacialidades

Não há caminho para entender a comunicação do corpo sem passar pela utilização dos espaços. A importância da semiótica do espaço, a proxêmica – instituída por Edward T. Hall –, para a análise do corpo, é justificada por Villaça e Góes (1998, p.76): “Os corpos são objetos marcados pelas normas culturais e a leitura de suas articulações, de sua maior ou menor proximidade, possibilita a compreensão da organização social”. Já Guiraud (2001, p.76/77) diz que, para o indivíduo, o espaço é fundamental e cada cultura estabelece os limites de aproximação e distanciamento entre indivíduos pelo uso do espaço.

Morris (1985) estabelece três tipos de territorialidades: a tribal, a familiar e a pessoal. Já Hall (1999) defende como distâncias relevantes: a pública, a social, a pessoal e a íntima. Obviamente que essas distâncias vão articular sentidos para os usos dos espaços de acordo com as regras culturais, a situação de interação, a coerção espacial, relação entre os interlocutores – intimidade e socialidade.

g) Tatilidades

Menos utilizadas nos processos comunicativos, as tatilidades envolvem o maior órgão do corpo humano, a pele e, como já se sabe, elas podem ser experienciadas no contato por qualquer das partes que recobrem o físico: mãos, lábios, bochechas, cintura, quadril, coxas, pés, pescoço etc. Cada um desses fragmentos de pele gera diferentes semioses associadas à espacialidade e ao gesto principalmente.

A intimidade estimulada pelas tatilidades pode provocar semioses da ordem da familiaridade, da sexualidade, do carinho, mas também da agressividade (através de um soco, por exemplo), da raiva e do ódio. Observe-se que as tatilidades sofrem um

¹⁵ Como o choro, o sorriso é uma das expressões humanas mais primárias e mais universais, que usa os músculos labiais em combinação com os músculos dos olhos para transmitir alegria, satisfação, comoção, força, contentamento, prazer, agrado, timidez, vergonha, desprezo, entre outros. Cada uma dessas manifestações vai determinar uma expressão composta por especificidades do sorriso, podendo ser codificada de forma diversa em culturas diferentes.

regramento bastante severo dos sistemas modelizantes, tornando o toque em grande parte das vezes proibitivo ou contraindicado em público seja pelo toque de um indivíduo em outro, seja pelo toque no próprio corpo ou pelo toque em determinados objetos.

h) Olfatividades

As olfatividades constituem um feixe de traços distintivos do corpo que se manifesta na sua invisibilidade, só perceptível pelo nariz por meio de signos voláteis, sendo bastante útil ao paladar na constituição de sentidos, mas também importante para identificar ambientes, objetos e situações. As possibilidades de semioses olfativas são mais desenvolvidas nos animais que nos humanos, marcando o distanciamento desses últimos dos tempos mais primitivos.

Um dos pontos principais ligados às semioses das olfatividades é a supressão a que o cheiro humano é submetido. Tem-se regulações e códigos bem específicos para os odores que podem emanar dos corpos, tudo que é exterior ao corpo pode exalar aromas, mas o que vem dele (de suas entranhas) não. Sobre a pele são aprovados apenas os perfumes passados em pulsos, pescoço e outras partes do corpo, ou os aromas dos shampoos, sabonetes, condicionadores. Esses odores auxiliam na exclusão do ‘cheiro original’ e na elaboração de semioses relativas a nível social, elegância, limpeza, entre outros. As olfatividades estão ligadas também a memórias, sobretudo as afetivas e subjetivadas como o cheiro de café passado, grama cortada, pão quentinho, e assim por diante.

i) Gustatividades

A semiotização pela boca (e seus inúmeros receptores) tem relevância por estar associada a primitividade e a instintividade humana tendo que vista que só existimos em função de nos alimentarmos, e portanto ela tem caráter de sobrevivência. Os primeiros contatos do bebê com a mãe se dão pela tatilidades, mas também pela gustatividade do leite materno e antes disso pelo líquido amniótico.

Os traços distintivos das gustatividades estão associados aos sabores (doce, salgado, amargo, ácido) e, além da instintividade que direciona nossa preferência pelo doce¹⁶, seus significados culturais e individuais estão conectados a prazeres básicos dos seres humanos. As modelizações culturais acabam determinando as preferências do paladar pela regularidade (hábito) de determinados alimentos, estabelecendo que crianças

¹⁶ Informação da nutróloga Cristiane Brombach, disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/paladar-%C3%A9-uma-quest%C3%A3o-cultural-diz-especialista/av-47964509>

alemãs, por exemplo, ‘gostem’ mais de queijo, linguiça e pão. Enfim, o desenvolvimento do paladar é cultura, o que nos leva a máxima: não comemos algo porque achamos bom, mas achamos bom porque estamos acostumados.

i) Vestimentas, adereços, maquiagem

A roupa incorpora o caráter das relações sociais, deixando explícitos gostos, propensões, estilos e manifestações de ideias. Os tipos de peças que compõem o vestuário e a quantidade delas ajuda a determinar o clima, a situação, a proposta pessoal, entre outros. Assim, o estilo, a textura do tecido, o comprimento, o caimento, o tamanho formam os principais traços distintivos desse subdomínio. No que se refere à cor, as vestimentas e adereços vão-se compondo na linha do tempo e do espaço, seguindo, com certa rigidez, os padrões impostos pela moda, mas, também, as preferências pessoais dos sujeitos. É importante observar que, além da forma utilitarista, o vestuário tem caráter lúdico que se apresenta na fantasia, no jogo e no humor conforme observa Lipovetsky (1989).

O vestuário, os adereços e a maquiagem instituem discursos variados, como o da diferenciação, da sedução, do *status*, da beleza, da dominação. Nessas ‘falas’, é possível vislumbrar aspectos importantes de semiotização atrelados às características e às funções assumidas. Esses traços, em grande parte das vezes, organizam semioses da ordem estética visando encobrir o feio e descobrir o belo. Outra semiose é da ordem da aparência e busca mostrar, pela exterioridade, aqueles aspectos que vão confirmar a diferenciação dos indivíduos, distinguindo, por exemplo, a classe social e a profissão, mas coloca, também, o bom gosto em oposição ao desleixo, a sofisticação em oposição à simplicidade. Quanto às funções, Morris (1985) identifica os sentidos de modéstia, conforto e exibição – elas falam sobre o ‘*background*’, o humor e a personalidade do sujeito.

Os adereços, objetos pessoais e a maquiagem também participam do processo de construção de sentidos do corpo, ajudando homens e mulheres a mascararem-se, escondendo detalhes e ressaltando outros por meio de celulares, brincos, colares, anéis, pulseiras, relógios, óculos, pingentes, perucas, tatuagens, tintas, bases, cremes, entre outros. Esses elementos refletem efeitos de sentido mais específicos ao se investigar formas, texturas, volumes, cores, materiais e tamanhos.

Através dos processos de ‘adereçamento’ e de embelezamento, que também buscam guarida na maquiagem, os sujeitos podem buscar adaptar-se aos preceitos dos sistemas modelizantes, bem como novos modos de expressão ou apenas ‘estar junto’, conforme

coloca Maffesoli (1999, p167/8): “Pintar-se, tatuar-se, enfeitar-se com adereços, em suma, cosmetizar-se, tudo isso tem um papel sacramental: tornar visível essa graça invisível que é estar junto”.

Uma infinidade de produtos é criada, elaborada e testada para produzir sentidos e para o consumo da beleza e o prazer estético, eles encobrem olheiras e marcas, alongam ou diminuem os olhos, delineiam os lábios, realçam o colo, adornam os dedos, trazem ou levam as cores naturais do sujeito, aperfeiçoam as formas naturais. Conseguem, enfim, transformações substanciais para o corpo.

Considerações finais

Os textos corporais produzem comunicação que não se encarna no verbo propriamente, mas em formas, cores, cheiros, tons, movimentos, sons, gostos entre outros e, dessa maneira, engendrando discursos de vontade de verdade, de beleza, de inteligência, de criatividade, exclusão, disciplina, autoria (considerando Foucault, 1996). Boa parte desses discursos se articulam pelo não verbal, para o que se dá pouca atenção do ponto de vista científico. Mas, sem dúvida, todos somos capturados por uma institucionalização do corpo que se organiza por meio dos sistemas modelizantes e direcionam-se para a dominação, ao mesmo tempo ela é afetada por lutas e disputas de sentido e de controle.

Os textos corporais, contudo, traduzem apenas uma porção da realidade por meio de codificações partilhadas. Uma vez que a totalidade não se realiza nos textos corporais e seus sistemas semióticos, a SC opera sobre a noção de traço, que dá investidura à abordagem semiótica que busca compreender a linguagem do corpo na cultura e na comunicação por meio da linguagem. Assim, o estudo das semioses dos textos corporais pode ser experimentado por meio de feixes de traços distintivos em interação, que se articulam com diferentes sistemas semióticos configurando um sistema aberto, permitindo distinguir tanto as regularidades, como as singularidades, as linhas de fuga e as conexões entre elas. Os traços apresentados aqui não têm como propósito garantir todas as complexas formações da linguagem do corpo, mas apenas revelar aquelas que têm se apresentado com mais intensidades nos estudos realizados.

Nessa via, com certeza, para estudar o corpo na comunicação é necessário modelizar, como propõe Lotman, estabelecendo correlações a partir de traços peculiares. Os traços isolados, entretanto, nada significam, mas só nas suas relações. Acreditamos

que no processo de modelização de feixe de traços distintivos do corpo é possível sistematizar algumas das estruturalidades e funcionamentos da sua linguagem no *continuum* semiótico que Lotman chama de semiosfera. Nesse mesmo processo, também nos damos conta que há traduções que ficam na fronteira da semiosfera, que são dispersas, que se organizam sobre intradutibilidades, rompimento de códigos, com potencial para conformar linhas de fuga, desterritorializações (Deleuze e Guattari, 2000), explosão (Lotman, 1999) e, inclusive, reorganização das linguagens, tensionamento das normatizações e das regularizações. Os corpos que importam as pesquisas das corporalidades são justamente esses que deslocam e reterritorializam processos de tradução.

Referências Bibliográficas

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- DELEUZE, G.; GAUTTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. vol I. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GUIRAUD, Pierre. **A linguagem do corpo**. São Paulo: Ática, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LOTMAN; USPENKII; IVANOV, V. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p.35 e 60)
- LOTMAN, I.; USPENSKI. Investigaciones semióticas. Entretextos – Revista eletrônica semestral de estúdios semióticos de la cultura. Granada, n.10. Nov, 2007
- LOTMAN, I. **Cultura y explosión**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- _____. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- _____. **Universe of mind**. A Semiotic theory of culture. Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- MACHADO, I. **Escola de Semiótica**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.
- _____. Método, modelizações e semiótica como ciência humana. **Estudos semióticos**. São Paulo. V.9, n.2, p. 77-87. Dez, 2013.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MORRIS, D. **Manwatching – a field guide to human behaviour**. London: Triad Panther, 1985.
- VILLAÇA, N.; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.